

MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA AS ESCOLAS QUILOMBOLAS DE PELOTAS/RS

CRISTIANE BARTZ DE ÁVILA¹; ÁLVARO MOREIRA HYPOLITO³

¹ Universidade Federal de Pelotas/FAE – crisbartz40@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Pelotas/FAE – hypolito@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo relatar sobre um projeto de extensão¹ que vem sendo realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Wilson Muller, localizada na zona rural da cidade de Pelotas, situada no Rio Grande do Sul (RS), sob vínculo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Este projeto visa colaborar na constituição de parte da tese provisoriamente intitulada “Currículo e trabalho docente: as diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica, em Pelotas/RS”, orientada pelo Prof. Dr. Álvaro Moreira Hypolito.

Levando em consideração o objetivo principal da tese: analisar e refletir sobre as diretrizes curriculares para educação escolar quilombola, observando se elas se efetivam nas escolas que têm em seu corpo discente alunos oriundos das Comunidades Negras Rurais, o projeto de extensão pretende promover um trabalho de formação continuada para os professores que atuam na escola quilombola em questão². Nosso objetivo geral é despertar o interesse dos educadores para o trabalho com educação patrimonial e demonstrar que atividades nesse âmbito podem ser desenvolvidas tanto em oficinas que ocorrem nos projetos de educação integral quanto em trabalhos interdisciplinares que os mesmos realizam na escola.

Nesse sentido, a partir deste olhar para o patrimônio pretendemos enfatizar as reflexões acerca das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola. Fazemos isso com base na questão que julgamos como norteadora de nossas práticas: como podemos contribuir no conhecimento dos educadores acerca da cultura local para que eles possam trabalhar de maneira coerente à diversidade étnica? Nessa perspectiva, explicitado alguns elementos do projeto citado, acreditamos pertinente tecermos breves comentários sobre o contexto histórico a fim de justificarmos a importância do nosso trabalho.

A história quilombola está estreitamente ligada à história política e econômica de nossa cidade, através do ciclo do charque pelotense. A riqueza e a opulência de Pelotas, segundo GUTIERREZ (1993), consagraram-se especificamente no século XIX, em função do trabalho do negro nas charqueadas (zona urbana da cidade), olarias e chácaras (na Serra dos Tapes, nossa atual zona colonial). Nesse século, o

¹ Este projeto foi cadastrado no Sistema de Informação da Extensão da Universidade Federal de Pelotas, no dia 19 de julho de 2016, e reconstituído para vigência no ano de 2017.

² Segundo um levantamento feito para o nosso projeto de pesquisa, existem, na cidade de Pelotas, seis escolas que atendem crianças quilombolas, em três Comunidades Negras Rurais: Vó Elvira, localizada no Distrito do Monte Bonito, Alto do Caixão, no Distrito de Quilombo e, Algodão, no Distrito de Triunfo. Diante de problemas estruturais no que se refere à organização do modelo de escola básica oferecida na zona rural, encontramos respaldo na escola considerada por nós, como público-alvo.

Distrito Quilombo tem sua origem com a formação do Quilombo de Manuel Padeiro³. Já no século XXI, para informações sobre as famílias das Comunidades Negras Rurais que residem nesse local, é necessária uma pesquisa etnográfica com os próprios moradores, pois não encontramos documentações que expliquem como os seus ancestrais lá chegaram e permaneceram, se há alguma ligação com o primeiro Quilombo ou não.

Acreditamos que essa história é importante de ser reconstituída numa forma didática e acessível aos alunos para que estes possam compreender o processo histórico de ocupação da região e, conseqüentemente, os conflitos gerados. A nosso ver, é preciso dar visibilidade à história dos Quilombolas da região para que a comunidade e, em especial, as comunidades escolares dessas localidades, tenham ciência da importância do processo de resistência organizado pela etnia negra no século XIX para a formação social, política e econômica de nossa região que reflete nos dias atuais. Mais ainda, julgamos necessário recuperarmos aspectos da cultura quilombola para que alunos se sintam representados em sua comunidade escolar, e para tanto, nossa premissa é a educação patrimonial, numa visão reflexiva e crítica.

Conforme HORTA (2006), a educação patrimonial “pode ser definida como um instrumento de ‘alfabetização cultural’, que possibilita o indivíduo fazer leitura do mundo que o rodeia, e pode ocorrer na escola, bem como em todos os espaços sociais” [grifo da autora] (p. 6). No trabalho de educação patrimonial também se torna possível um processo dialógico, proposto por FREIRE (1996), em que os alunos são os atores no processo de ensino-aprendizagem de acordo com sua cultura, história e saberes-fazer. Nessa linha, somamos a ideia de NOGUEIRA (2008) sobre a importância de ações voltadas à educação patrimonial e a reeducação das relações étnico-raciais, pois acreditamos que o educador que opta por trabalhar dessa maneira torna sua prática mais significativa aos educandos.

2. METODOLOGIA

Com base nos ensinamentos dos autores citados, estão sendo realizadas oficinas, no período da tarde, desde o ano de 2016. Estas oficinas são agendadas conforme a solicitação do grupo, e cabe enfatizarmos que a acolhida pela Equipe Diretiva, professores e funcionários só se tornou possível tendo em vista que no Plano Político-Pedagógico da Escola constam momentos destinados à formação continuada de seus profissionais.

As oficinas são ministradas em forma de aula expositiva dialogada, cuja estratégia caracteriza-se pela exposição dos assuntos em foco com a participação ativa dos educadores, considerando o conhecimento prévio dos mesmos, sendo a ministrante a mediadora para que se tenha discussão e troca de experiências. Antes da realização das oficinas é feito o planejamento de cada uma a fim de esclarecermos os objetivos a serem alcançados. Nosso propósito é discutir sobre a importância da formação continuada e difundir o conhecimento histórico sobre a região entre os educadores, elucidando a importância do trabalho com a educação patrimonial. Acreditamos que o reconhecimento da necessidade do saber sobre a história e a cultura dos Quilombolas, tendo em vista que os alunos da Comunidade Negra Rural constituem, segundo a Diretora da instituição de ensino, cerca da

³ No “Processo Crime” contra o Quilombola Mariano são descritas atividades do Grupo de Manuel Padeiro na Serra dos Tapes. Este documento encontra-se no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERGS), com sede em Porto Alegre/RS.

metade do seu corpo discente⁴, é a chave para que se possibilite a inserção das diretrizes no Currículo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas, como propostas de temáticas sobre a história local, a cultura, a educação patrimonial e o currículo, continuam em andamento no ano de 2017, com possibilidade de continuidade no ano de 2018. Dentre as oficinas ministradas, a primeira abordou temas como Identidade pessoal e familiar, Cultura e etnias, Patrimônio Cultural, Patrimônio Cultural de Pelotas, em que procuramos conduzir o debate de acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, preconizando a valorização de toda a forma de cultura⁵. Outra oficina que destacamos refere-se à terceira, pois abordou aspectos da Cultura africana e afrodescendente, aspectos históricos sobre o negro no Brasil, no RS e em Pelotas no tocante ao período escravagista, bem como sobre os tipos de resistência pensadas e organizadas pelos escravizados. Nesta trabalhamos com uma releitura da história de Manuel Padeiro com respaldo na Análise Crítica do Discurso⁶, para analisarmos o processo crime contra os quilombolas, o que nos possibilitou perceber a intenção dos escrivães de ressaltar aspectos de contravenção; nesse momento, podemos perceber também nas entrelinhas⁷ aspectos de um código de conduta adotado em relação àqueles que conviviam com o líder do Quilombo Manuel Padeiro. Na quarta oficina proporcionamos uma apresentação teatral, trabalhando aspectos da cultura local, o que gerou entusiasmo e questionamentos dos alunos. Em outra oficina realizada, a última que selecionamos para descrição, referiu-se ao tema das diretrizes nacionais sobre a educação escolar quilombola, em que juntos, avaliamos a possibilidade de inclusão das temáticas discutidas no Projeto Político-Pedagógico e no currículo da escola. Como retorno dessa proposta, houve planejamento para que aconteça a visita ao Morro do Quilombongo – expressão local da história dos Quilombolas, conforme ÁVILA (2014), posterior produção textual, informativo e documentário. Em todas as oficinas houve diálogo entre os educadores o que nos causou satisfação em conduzir o projeto. No final dessa caminhada, será realizada avaliação das atividades desenvolvidas.

4. CONCLUSÕES

Desejamos contribuir para a valorização da história e da cultura afro-brasileira, possibilitando aos educadores conhecimento, em linhas gerais, sobre a resistência ao branqueamento empreendida pela etnia negra em nossa cidade. O presente projeto, enfim, fomenta a discussão e o posicionamento dos educadores para realizar um trabalho que valorize a história do município, em especial, a história

⁴ Na nossa opinião, a outra metade de origem pomerana tem a oportunidade de saber sobre sua cultura a partir dos eventos promovidos pelas comunidades locais, e os próprios professores descendentes de pomeranos, que são também moradores dessa localidade, têm propriedade sobre essas discussões.

⁵ Sobre um panorama acerca dos Estudos Culturais, apontamos COSTA, SILVEIRA e SOMMER (2003), como também, ESCOSTEGUY (1998).

⁶ A Análise Crítica do Discurso (ACD), de FLAIRCUGH (2001), apresenta-nos a possibilidade de analisarmos o discurso de uma forma crítica, pois distingi três aspectos dos efeitos construtivos do discurso os quais correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso.

⁷ Aproximando-se das ideias de FLAIRCUGH (2001), DIAS (1998) escreve que o historiador deve procurar nas “entrelinhas” dos documentos, os significados que não estão explícitos.

e a cultura dos quilombolas, denominados atualmente como “comunidades negras rurais”.

Acreditamos nessas ações de diálogo e reflexão, e temos a expectativa de que este projeto possibilite aos educadores da Escola Wilson Muller pensar estratégias para o seu trabalho junto à Comunidade Escolar. Nossa expectativa também é de que este trabalho possa ir além... que professores, alunos e familiares possam tornar-se agentes empoderados e propagadores desse conhecimento e quiçá estejam aptos a discutir sobre o cumprimento das Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APERGS, M. P. **Cartório do Júri n. 81**, Maço 3A, 141 E7, E/141c CX:006.0300.

ÁVILA, C. B. **Entre esquecimentos e silêncios**: Manuel Padeiro e a memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas, RS. 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2014. 183f.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L.H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, mai./jun./jul./ago., 2003. p. 36-61.

DIAS, M. O. S. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. **Projeto História**. São Paulo, n.17, nov., 1998. p. 223- 258.

ESCOSTEGUY, A. C. Comunicação e Cultura. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez., 1998. p. 87-97.

FLAIRCOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra. Coleção Saberes, 36. ed.1996.

GUTIERREZ, E. J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas, RS: Editora Universitária/UFPEL: Livraria Mundial, 1993.

HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Rio de Janeiro: Museu Imperial, 2006.

NOGUEIRA, A. G. R. Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. **Anos 90**, Porto Alegre: v.15, n. 27, jul., 2008. p. 233-255.